

ENTRE DIÁLOGO  
E SABERES INTERCULTURAIS  
REFLEXÕES SOBRE  
II SEMINÁRIO  
QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS  
E ETNOBIODIVERSIDADE  
NA AMAZÔNIA

The bottom half of the page features a series of seven horizontal stripes of varying shades of gray, creating a decorative background.

ENTRE DIÁLOGOS  
E SABERES INTERCULTURAIS:  
REFLEXÕES SOBRE O II SEMINÁRIO  
DE QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS  
E ETNOBIODIVERSIDADE  
NA AMAZÔNIA

LUIS JUNIOR COSTA SARAIVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ/*CAMPUS* BRAGANÇA

ROBERTA SÁ LEITÃO BARBOZA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ/*CAMPUS* BRAGANÇA

NORMA CRISTINA VIEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ/*CAMPUS* BRAGANÇA

SÉRGIO RICARDO PEREIRA CARDOSO

INSTITUTO FEDERAL DO PARÁ - IFPA/*CAMPUS* BRAGANÇA

JÉSSICA DO SOCORRO LEITE CORRÊA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

## **ENTRE DIÁLOGOS E SABERES INTERCULTURAIS: REFLEXÕES SOBRE O II SEMINÁRIO DE QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS E ETNOBIODIVERSIDADE NA AMAZÔNIA**

### **Resumo**

O presente artigo busca refletir sobre a experiência de organização e montagem do II Seminário de Questões socioambientais e etnobioidiversidade na Amazônia, no qual buscou-se construir um evento com a participação direta dos povos tradicionais (pescadores/pescadoras, agricultores/agricultoras, artesãs/artesãos, benzedeiros/benzedoras, erveiros/erveiras) do nordeste paraense, a partir de relações dialógicas nas quais acadêmicos (professores e alunos pesquisadores) e povos tradicionais de modo conjunto e dialogado, debateram temas relacionados a biodiversidade de forma simétrica e horizontal em que foi possível estabelecer um debate importante sobre saberes em movimento.

Palavras-chave: Interculturalidade, saberes, biodiversidade, seminário.

## **BETWEEN INTERCULTURAL DIALOGUES AND KNOWLEDGE: REFLECTIONS ON THE II SEMINAR ON SOCIO-ENVIRONMENTAL ISSUES AND ETHNOBIODIVERSITY IN THE AMAZON**

### **Abstract**

This manuscript aims to reflect on the experience of organizing and assembling the II Seminar on Socio-environmental Issues and Ethnobioidiversity in the Amazon, in which an attempt was made to build an event with the direct participation of traditional peoples (fishermen/fisherwomen, farmers, artisans, *benzedeiro(a)s*, *erveiro(a)s*) from northeastern Pará, based on dialogical relations in which scholars (professors and researchers students) and traditional peoples in a joint and dialogical manner debated themes related to biodiversity in a symmetrical and horizontal way in which it was possible to establish an important debate about knowledges in motion.

Keywords: Interculturality, knowledge, biodiversity, seminar.

## **ENTRE DIÁLOGOS Y SABERES INTERCULTURALES: REFLEXIONES SOBRE EL II SEMINARIO DE CUESTIONES SOCIO AMBIENTALES Y ETNOBIODIVERSIDAD EN LA AMAZONIA**

### **Resumen**

El presente artículo reflexiona sobre la experiencia de organización y montaje del II Seminario de Cuestiones socio ambientales y etnobioidiversidad en la Amazonia, que buscó constituirse como un evento con la participación directa de los pueblos tradicionales (pescadores/pescadoras, campesinos/campesinas, artesanas/artesanos, bendicioneros/bendicioneras, hierberos/hierberas) del nordeste de Pará, a partir de las relaciones dialógicas en las que académicos (profesores y alumnos investigadores) y pueblos tradicionales, de modo conjunto y en dialogo, han debatido temas relacionados a la biodiversidad de forma simétrica y horizontal haciendo que fuera posible establecer un debate importante sobre los saberes en movimiento.

Palabras clave: Interculturalidad, saberes, biodiversidad, seminario.

Luis Junior Costa Saraiva  
[luisjsaraiva@gmail.com](mailto:luisjsaraiva@gmail.com)

Roberta Sá Leitão Barboza  
[betabarboza@gmail.com](mailto:betabarboza@gmail.com)

Norma Cristina Vieira  
[normacosta@ufpa.br](mailto:normacosta@ufpa.br)

Sérgio Ricardo Pereira Cardoso  
[sergio.ricardo@ifpa.edu.br](mailto:sergio.ricardo@ifpa.edu.br)

Jéssica do Socorro Leite Corrêa  
[etieljessica@gmail.com](mailto:etieljessica@gmail.com)

## 1- INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a construção coletiva de um seminário na Amazônia brasileira ancorado em experiências interculturais entre acadêmicos (professores e alunos pesquisadores) e povos tradicionais (pescadores/pescadoras, agricultores/agricultoras, artesãs/artesãos, benzedeiros/benzedoras, erveiros/erveiras) do nordeste paraense e estruturado com base em um trabalho coletivo, em que cada ator social assume a responsabilidade pela realização do evento, contribuindo com aspectos que se identifica. Nessa perspectiva entende-se a interculturalidade como:

“(...) o contato entre culturas, com possíveis trocas que se estabelecem em termos equitativos e em condições de igualdade, como processo de permanente relação, comunicação e aprendizagem entre pessoas, grupos, conhecimentos, valores e tradições, sem necessariamente haver a fusão, ou hibridização, entre as práticas e os saberes postos em contato” (Fernandes 2016:19).

De forma geral, percebe-se como bastante incomum este contato entre culturas diferentes, ou seja, a interculturalidade, no ambiente acadêmico das instituições de ensino e pesquisa brasileiras, resultando na ausência de trocas de aprendizado entre grupos culturalmente distintos. Mato (2008:104) faz um alerta acerca da herança colonial da desqualificação dos modos de produção de conhecimento e acúmulo de resultados dos povos indígenas e quilombolas. Ainda de acordo com o autor (Mato 2008:6), “la colaboración intercultural en la producción de co-

nocimiento no es una panacea y si hay conflictos más vale identificarlos, analizarlos y encontrar cómo manejarlos, pero por lo general esto no es lo que ocurre en nuestras universidades”.

Nesse sentido, Leff (2009:18-19) aponta a necessidade de olharmos para outras racionalidades, mais especificamente, o saber ambiental e o saber social; enquanto aquele que “busca conhecer o que as ciências ignoram [...] disciplinando paradigmas e subjuguando saberes”, este “emerge de um diálogo de saberes, do encontro de seres diferenciados pela diversidade cultural”. A sociedade, de modo geral, e aqui incluem-se as instituições acadêmicas, sobretudo, tem reconhecido principalmente o conhecimento científico, tido como único saber universal, desvalorizando outras formas de aprender e ensinar que são construídas fora do âmbito acadêmico.

Sendo assim, na perspectiva dos saberes ambientais e sociais apontados por Leff (2009), a realização do **II Seminário de Questões socioambientais e etnobiodiversidade na Amazônia**, possibilitou que distintas formas de aprender e ensinar, como aquelas permeadas por lendas<sup>1</sup>, causos, misticismo, credences e religiosidades, fossem, em boa medida, reconhecidas e valorizadas, o que será apresentado e detalhado mais adiante.

Acerca deste aspecto de reconhecer o saber do outro, Geertz (2014:64) destaca que “em vez de tentar encaixar a experiência das outras culturas dentro da moldura desta nossa concepção, (...) para entender as concepções alheias

é necessário que deixemos de lado a nossa concepção do “eu”. Sob essa perspectiva, buscou-se ao longo da construção e desenvolvimento do Seminário ouvir os comunitários, deixando-os explicitar suas compreensões, anseios, percepções e formas de agir e interagir no meio onde vivem.

Dessa forma, foi-se estabelecendo um rico diálogo entre os acadêmicos e comunitários com trocas de saberes, com destaque aos etnosaberes<sup>2</sup> sobre a biodiversidade<sup>3</sup> apresentados por todos que participaram, como forma de alcançar e discutir o bem viver, *sumak kawsay* em kchwa, ou *teko porã* em guarani, dos povos da Amazônia, como possibilidade de (re) construção social, pautada nos aspectos de uma convivência harmoniosa entre humanos e humanos e humanos e natureza. Nesse sentido, realça-se aqui a afirmação de Fernandes (2015:19) sobre a premissa da interculturalidade na valorização da diversidade cultural, a partir do pressuposto da existência de culturas diferentes e da necessidade de construção de diálogos respeitosos, menos assimétricos e horizontais. Matos (2008) vai um pouco mais além, ao assegurar

que a colaboração intercultural significa o estabelecimento e a sustentação de diálogos e relações interculturais de valorização e colaboração mútua numa via de mão-dupla. Diante do exposto, destaca-se o reconhecimento de Fernandes (2015) acerca da interculturalidade como importante ferramenta para o trabalho coletivo enquanto preponderante para a ampliação dos conhecimentos e estruturante para o desenvolvimento sociocultural.

Sob tais dimensões, apresentadas anteriormente, o evento foi pautado no respeito aos saberes-fazer dos comunitários da Vila Cuera, localizada no município de Bragança-PA, construindo relações mais simétricas entre a academia e os povos tradicionais. E assim, embaixo das árvores, ao sabor dos ventos e da maré do rio Caeté, o evento foi sendo delineado e de fato realizado, indo ao encontro da proposta de Barros (2015), idealizador e organizador da primeira versão desse evento, sobre o uso dos recursos naturais, do igarapé, da estrada e de outros espaços como lugares de aprender e ensinar, numa pedagogia chamada por este de transgressora (Figura 1).



Figura 1 – Saudações do Sr. Durval na abertura do II Seminário de Questões socioambientais e a etnobioidiversidade, Vila Cuera Bragança, Pará. Foto: Sérgio Ricardo, 2016.

É válido ressaltar que para alcançar o bom desempenho durante a realização do evento, todos os envolvidos percorreram um longo caminho para sua estruturação e efetivação, foram várias reuniões coletivas com sugestões, modificações, avaliações, debates sobre estrutura, logística e diálogos abertos a diferentes opiniões e estabelecimentos de consensos. O resultado não seria tão positivo se o caminho fosse outro. Para esclarecer melhor sobre o caminho que percorremos, apresentaremos as questões gerais que envolveram a organização do evento.

## 2 - DAS CONVERSAS INICIAIS À REALIZAÇÃO DO II SEMINÁRIO

O *Seminário de Questões socioambientais e etnobioidiversidade na Amazônia* foi realizado pela primeira vez em novembro de 2012, na cidade de Belém, quando foram discutidos temas de relevância para o contexto acadêmico, social e ambiental da Amazônia Oriental. A proposta nasceu a partir da ideia de pesquisadores de três programas de Pós-Graduação da UFPA com a intenção de agregar múltiplas perspectivas interdisciplinares em estreito diálogo com as questões inerentes à problemática socioambiental amazônica.

Priorizou-se naquela altura a interação da academia com as demandas e reivindicações das sociedades camponesas e povos tradicionais, representados pelos

atores e suas organizações e movimentos sociais. Os seguintes programas que integraram a proposição foram os Programas de Pós-Graduação em: Agriculturas Amazônicas (PPGAA), Antropologia (PPGA) e Biologia Ambiental (PPBA-*Campus* Bragança).

No intuito de dinamizar o evento e permitir uma rotatividade de locais e contextos geopolíticos e socioambientais, surgiu a ideia no ano de 2016, da realização da segunda versão ocorrer no município de Bragança, principalmente em decorrência das atividades interdisciplinares de ensino, pesquisa e extensão que são realizadas nas comunidades tradicionais da região bragançatina pelos membros do Grupo de Estudos Socioambientais Costeiros (ESAC) - UFPA – *Campus* de Bragança, conjuntamente com o Grupo de Pesquisa em Educação, Trabalho, Tecnologia, Humanidades e Organização Social (ETTHOS)- IFPA-*Campus* de Bragança. Dessa parceria surgiu a proposta da organização do evento.

O *II Seminário de Questões socioambientais e etnobioidiversidade na Amazônia* ocorreu em outubro de 2016, em Bragança, região também conhecida como Salgado Paraense. Aqui, priorizou-se discutir e refletir eixos teóricos e metodológicos ancorados nas perspectivas socioambientais, numa dinâmica interdisciplinar e sistêmica, em especial no contexto da Amazônia. Como também problematizar a noção de biodiversidade e de etnobioidiversidade a partir de suas dimensões sociais, culturais, políticas, religiosas e de gênero; oportunizar o diálogo entre academia e populações tradicionais nas reflexões em

torno da problemática socioambiental.

Esse seminário oportunizou promover a integração de professores de diferentes Instituições e sua interação com povos tradicionais de Bragança, em especial agentes sociais da Reserva Extrativista (RESEX) Marinha Caeté Taperaçu<sup>4</sup>, organizações comunitárias como o grupo de mulheres “cesta de saia” e lideranças.

O evento foi realizado na UFPA/ Bragança e também na comunidade agrícola/pesqueira de Vila Cuera com intuito de garantir e protagonizar a participação dos extrativistas em todos os momentos do seminário (organização, efetivação e avaliação).

O *campus* da UFPA e do IFPA em Bragança tem realizado pesquisas dentro de comunidades tradicionais. Todavia, o diálogo junto a essas comunidades ainda é incipiente no que diz respeito a partilha de conhecimentos gerados no ambiente acadêmico, como na construção de estratégias conjuntas na resolução de conflitos socioambientais.

Fazendo uma associação epistemológica entre Paulo Freire e Boaventura de Souza Santos, Carlos Brandão (2007:40) rompe com a dicotomia elitista e hierárquica entre saberes acadêmicos e saberes populares ou tradicionais por meio de questionamentos aparentemente fáceis de se fazer, mas de complexas respostas: “Não é através ‘deles’ — da percepção que possuem e que nos comunicam na interação da pesquisa — que uma realidade comunitária vai ser conhecida através da pesquisa? [...]. Então não seriam eles os portadores do conhecimento origi-

nal?” (Brandão 2007: 40).

Desse modo, o processo de desenvolvimento do evento focou a perspectiva de integração em que os comunitários se tornassem de fato protagonistas, sentindo-se à vontade para expressarem seus anseios e perspectivas quanto as questões socioambientais e atuação junto as instituições locais de pesquisa, em especial UFPA e IFPA, discutindo problemáticas e possíveis soluções juntos. Para tal, as mesas redondas foram formadas por representantes da comunidade e os mediadores, professores da UFPA e do IFPA, tiveram o papel de fomentar o debate entre os comunitários e alinhar a discussão a partir de suas experiências acadêmicas.

O evento se propôs a discutir os seguintes eixos temáticos: Unidade de conservação, Território e Conflitos Socioambientais na Amazônia; Gênero, Ambiente e Etnobiodiversidade na Amazônia; Saúde, práticas sociais entre povos tradicionais; Etnobiodiversidade e bem viver.

### 3 - DA “ESCOLHA” DA VILA CUERA COMO PROTAGONISTA DO EVENTO

A Amazônia desde há muito tempo encontra-se no centro das discussões socioambientais em face de suas características que agregam rica sociobiodiversidade, sem contar a sua grande extensão territorial, traduzida na diversidade de ecossistemas e de paisagens, onde diferentes segmentos sociais, como pescadores artesanais, seringueiros, agricultores familiares, quilombolas, indígenas, fazendeiros, madeireiros,

grileiros, grandes multinacionais, construíram diferentes formas de apropriação das matas e dos rios.

Com efeito, uma das maiores preocupações que se pauta é com relação ao “destino” da Amazônia, e aqui, entendemos a Amazônia não apenas a partir de sua perspectiva natural, mas social e cultural, integrando ainda as mais diversas dimensões aí vinculadas. Neste contexto, a Amazônia tem sido emblemática no debate socioambiental planetário e o mundo tem voltado suas atenções para esta região, que tem no Brasil sua maior porção.

Diante deste panorama, o município de Bragança, apresenta um cenário favorável ao debate interdisciplinar das questões socioambientais com ênfase no respeito aos saberes e as práticas locais. No município está inserida a Reserva Extrativista de Caeté-Taperaçu, composta de ambientes estuarino-cosmeiros onde as populações extrativistas se relacionam diretamente com os recursos ambientais.

Aqui homens e mulheres de diferentes idades, em grande medida, têm o conhecimento das condições diárias da natureza (vento, maré, lua, espécies, solo), abstraído principalmente a partir de duas relações fundamentais: 1 - proximidade com a natureza, por meio da oportunidade e da capacidade de observá-la para compreendê-la; e 2 – por meio da socialização dos saberes ecológicos locais transmitidos pelas gerações sociais mais experientes às menos experientes.

Diegues (2004) afirma que esses conhecimentos e saberes englobam di-

versos campos, como classificação de espécies aquáticas, comportamento dos peixes, taxonomia, padrões de reprodução e migração das espécies, cadeias alimentares, bem como as características físicas e geográficas do habitat aquático (clima: nuvens, ventos, mudança do tempo) e as artes de navegação e de pesca.

O Conhecimento Ecológico Local (CEL) é um sistema de compreensões e “saber-fazer” que evolui ao longo do tempo, a partir de experiências e observações individuais e coletivas, mediadas pela cultura, de forma que fatores ambientais, características comportamentais e dinâmica ecológica são considerados (Davis & Wagner, 2006).

Nesta perspectiva, Almeida (2010) reforça que os saberes da tradição arquetam compreensões com base em métodos sistemáticos, experiências controladas e sistematizações reorganizadas de forma contínua. Para a autora, diferente do senso comum, os saberes da tradição constituem uma ciência que, mesmo operando por meio das universais aptidões para conhecer, expressa contextos, narrativas e métodos distintos.

As características que os autores supracitados mencionam foram selecionadas justamente por contemplarem os aspectos que nos levaram a identificar na comunidade Vila Cuera, como a maioria gosta de identificar a Vila, um espaço rico em saberes diferenciados, seja na pesca artesanal, com a confecção dos apetrechos de pesca, de embarcações e da realização das pescarias, também no campo da agricultura com

mais da metade da população plantando para o próprio consumo e alguns até para a venda. Identificamos também artesãos e artesãs, principalmente na fabricação de panelas e outros utensílios domésticos feitos de argila, além de cestarias, bem como parteiras, senhoras habilidosas no plantio e no uso das plantas medicinais e diferentes manifestações religiosas, cristãs e umbandistas sobretudo, todos compartilhando o mesmo espaço de convivência e transformando a pequena Vila Cuera ou Que Era em um grande espaço de aprendizagem e compartilhamento de saberes e fazeres.

A escolha desta comunidade para a realização do evento deu-se primeiramente pela relação que alguns membros do ESAC e do ETTHOS possuem com os moradores e as moradoras da Vila, construída através das atividades de pesquisa e de extensão desenvolvidas conjuntamente. Além disso, a Vila Cuera está localizada a 8 Km da sede do município, essa proximidade e o fácil acesso a comunidade facilitou a organização e a consolidação do evento.

Considerada como a localidade mais antiga da região bragantina, completando 404 anos de existência em julho de 2017, Vila Cuera<sup>5</sup> foi fundada em 08 de julho de 1613, situada à margem direita do rio Caeté. Trata-se de uma localidade histórica pelo fato de ter sido local onde inicialmente seria a cidade de Bragança, mas por questões geográficas, políticas e econômicas, a sede de Bragança foi “transferida” para a outra margem do rio Caeté (Oliveira 2013:31).

A pesca de variados produtos (peixes, moluscos e crustáceos) e a agricultura (cultivo principalmente de mandioca) são as principais atividades econômicas da Vila Cuera. Outra fonte de renda da localidade é o artesanato desenvolvido sobretudo pelas mulheres.

#### **4 - TRABALHO A VÁRIAS MÃOS: A CONSTRUÇÃO DE UM SEMINÁRIO CONTINUAMENTE DIALOGADA**

A construção do II Seminário de questões socioambientais e etnobioidiversidade (Figura 2) foi um projeto que teve como diferencial o fato de ser desde o primeiro momento um trabalho coletivo, no qual a comunidade da Vila Cuera, teve papel ativo desde as primeiras reuniões para pensar o evento, até a conclusão do mesmo e sua avaliação.

Um trabalho a várias mãos e com uma atenção especial para a perspectiva dialógica (Bakhtin, 1979) na qual os moradores da Vila foram fundamentais para definir as direções que seriam tomadas ao longo do processo. Compete apresentar mais detalhadamente o processo de construção do evento, pois a experiência mostrou-se muito rica em aprendizados múltiplos de saberes e práticas presentes na Vila. Cabe então a apresentação da forma como foi construído, alguns dilemas vividos por ambas as partes envolvidas e os encontros e desencontros de um evento que buscou não só construir um diálogo acadêmico, mas um diálogo entre diferentes formas de saberes.



Figura 2: Imagem do cartaz de divulgação do II Seminário de Questões socioambientais e etnobioidiversidade, Bragança, Pará. Fonte: Jéssica Leite, 2016.

O desafio, então, foi construir e refletir etnograficamente o evento; portanto, com um olhar de perto e de dentro, ou seja, sob a perspectiva de uma observação participante de todos os processos do seminário. Vale ressaltar que um evento, por concepção, é um acontecimento que nasce da necessidade de o ser humano promover diálogos sob o propósito principal de ampliar suas relações, ou seja, a característica principal

de um evento é propiciar a reunião de pessoas com fins específicos, resumidos no tema, justificativas e objetivos do evento (McDonnell et al., 2007).

Dessa forma, após os primeiros encontros, procurou-se trabalhar na perspectiva dos diálogos direcionados aos participantes do seminário, nos mais diversos perfis: organizadores, ouvintes, palestrantes, oficinairos, entre outros.

Fizeram-se, assim, os primeiros contatos com os membros da comunidade Vila Cuera, que entenderam o objetivo do evento e passaram a assumir o papel de protagonistas do mesmo no restante das fases do evento, tudo em conjunto com os docentes e discentes pesquisadores da UFPA e IFPA. Um exemplo disso foi a mudança dos locais de realização das rodas de conversas e das demais atividades, que estavam planejadas para serem realizadas nas dependências das instituições de ensino envolvidos na organização e, após os

primeiros diálogos com os membros da comunidade, ficou decidido que apenas a abertura seria realizada no auditório da UFPA e as demais atividades na comunidade Vila Cuera.

Dessa forma, a organização do evento foi basicamente uma tarefa dos comunitários da Vila Cuera, que resumiram suas intenções em tomar para si esta responsabilidade na seguinte frase: *“é o país sede o responsável pela organização da copa”* (Sr. Durval, morador da Vila Cuera e um dos organizadores do evento). (Figura 3).



Figura 3 - Mesa redonda sobre os saberes locais, no II Seminário, Vila Cuera, Bragança, Pará. Foto: Daniela Torres, 2016.

A estrutura do evento então foi pensada tendo o seguinte objetivo em mente: discutir e refletir eixos teóricos e metodológicos que pudessem ancorar perspectivas socioambien-

tais, numa dinâmica interdisciplinar e sistêmica, além de problematizar a noção de biodiversidade e de etnobiobiodiversidade a partir de suas dimensões sociais, culturais, políti-

cas, religiosas, de gênero e outros, mobilizando e aproximando diferentes programas de pós-graduação com características interdisciplinares. Tudo isso, num espaço propício para o diálogo entre academia e povos tradicionais nas reflexões em torno das questões socioambientais, resultando no seguinte arranjo espaço-tempo (Tabela 1):

Tabela 1 - Programação do II Seminário de Questões socioambientais e etnobioidiversidade, Vila Cuera, Bragança, Pará. Fonte: Equipe de organização, 2016.

<p>Dia 25/10/2016 - Local: Auditório Maria Lúcia Medeiros (UFPA)  <b>15:00 h</b> – Credenciamento;  <b>17:00 h</b> – Mesa de abertura;  <b>18:00 h</b> – Conferência de abertura;                  Título da conferência: O saber frio entende o saber quente? Reflexões sobre (bio)diversidades, gente e bem viver na Amazônia;                  Dr. Flávio Barros (Professor Adjunto e Diretor do Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural (NCADR) da Universidade Federal do Pará (UFPA));  <b>18:30 h</b> - Dialogando com Dona Rosário e Glorinha (Moradoras do quilombo Bom Jesus e São Caetano/Baixada Maranhense).  <b>19:30 h</b> – Programação cultural</p>	<p>Dia 26/10/2016 - Local: comunidade Vila Que Era  <b>8:00-09:00h</b> - Deslocamento até a comunidade  <b>9:00-12:00h</b> – Roda de conversa: O dia-a-dia das mulheres e dos homens nas comunidades da RESEX.                  Mediadores: Prof. MSc. Josinaldo Reis (IFPA), Prof. Dr. Sebastião Rodrigues (UFPA), Profª Dra. Maria José Aquino (UFPA).  <b>12:00-14:00 h</b> – Intervalo para almoço  <b>14:00-17:00 h</b> – Roda de Conversa: Saberes no uso das plantas e dos animais nas curas do corpo e da alma.                  Mediadores: Profº Dr. Flávio Leonel (UFPA), Profº Dr. Luis Saraiva (UFPA), Profª Dra. Marivana Borges (UFPA).  <b>17:00</b> - Programação Cultural  <b>Obs.:</b> Apresentação dos pôsteres (8:00 às 17:00 h)</p>	<p>Dia 27/10/2016 - Local: comunidade Vila Que Era  <b>8:00 - 9:00h</b> – Deslocamento para a comunidade;  <b>9:00 – 12:00 h</b> – Oficinas:                  1- Artesanato das mulheres (comunidade);                  2- Confeção de panela de barro (comunidade);                  3- Confeção e concerto de instrumentos de pesca (comunidade);                  4- Confeção de pãeiro (comunidade);                  5- Compostagem (Coletivo Bora);                  6- Uso de casca de frutas e legumes (UFPA/IFPA);                  7- Oficina de pequenos barcos (UFPA/IFPA).  <b>12:00 h</b> – Retorno à Bragança  <b>16:00 às 19:00 h</b> - Apresentação dos pôsteres;  <b>16:00 h</b> – Mostra de SABERES, FAZERES E SABORES.                  - Feira Cultural com produtos locais: artesanatos, culinária, ervas medicinais;                  - Programação Cultural: danças, exposição fotográfica, poesias e rimas e outros.</p>
--	---	---

## 5 - DIFERENTES TEMPORALIDADES E ALGUMAS TENSÕES

Uma experiência que não poderia ser deixada de fora da presente reflexão diz respeito as diferentes temporalidades que foram surgindo no desenvolvimento do evento. Em uma das primeiras reuniões na Vila (Figura 4), o senhor Antônio Maria (um dos co-

ordenadores do evento e agente comunitário da Vila), já no início da reunião e depois das apresentações iniciais colocou a seguinte questão: “pessoal, só queria chamar atenção para que a reunião durasse no máximo 45 minutos, aprendi que esse é um tempo suficiente para que em uma reunião seja possível decidir tudo que tiver para decidir”.



Figura 4- Imagem de uma das reuniões de organização do II Seminário, Vila Cuera, Bragança, Pará. Foto: Sérgio Ricardo, 2016.

A frase teve um efeito interessante, pois de fato a partir dessa primeira reunião (a qual durou bem mais que 45 minutos) as reuniões posteriores ocorreram nos limites do horário sugerido, mas nos fez pensar no quanto algumas reuniões acadêmicas demoram demasiado além do tempo previsto, e do quanto o campo científico (Bourdieu, 1989) se afasta de uma abordagem mais diretiva de situações cotidianas.

A frase do senhor Antônio Maria foi fundamental para que pudéssemos atentar para o fato de que o evento na Vila Cuera deveria respeitar as temporalidades locais, e só assim poderíamos ter um significativo aproveitamento. Seguindo esse caminho ficou fácil pensar junto com a comunidade quais seriam os melhores locais, os melhores horários para palestras, mesas, oficinas, etc. Tudo

dialogado e pensado em conjunto e a partir das temporalidades vividas pelos moradores da Vila, mesmo que em alguns momentos parecesse não fazer sentido para nós da academia.

O tempo enquanto categoria sociológica (Elias, 1998) precisa ser pensado em suas múltiplas dimensões, e no caso do evento aqui discutido, na sua relação com o espaço físico da Vila, e do espaço subjetivo dos diferentes sujeitos envolvidos no processo, isso ficou marcante no momento da abertura das atividades do dia 26/10, na Vila Cuera, quando o senhor Antônio Maria pediu que todos fizessem silêncio por alguns minutos e ouvissem os sons que ecoavam no local onde se realizava o evento (Figura 5).



Figura 5 – Sr. Antônio Maria durante a Mesa de abertura na Comunidade Vila Cuera durante o II Seminário, Bragança, Pará. Foto: Daniela Torres, 2016.

A experiência foi algo interessante pois, difere daquilo que nos proporcionam os ambientes fechados, a exemplo de uma sala de reuniões fechada em que se fizermos silêncio podemos ouvir o som da central de ar, contrastante com o espaço aberto e embaixo de árvores em que podemos apreciar uma mistura de muitos sons que nos convida a repensar nossa própria relação com o tempo e o espaço.

Ainda sobre a relação tempo espaço e a estruturação do evento, cabe destacar um dos pedidos dos moradores da Vila Cuera para que o deslocamento das pessoas vindas de Bragança fosse feito pelo rio Caeté, tal como estes fazem cotidianamente. A opção de deslocamento pelo rio diz muito sobre as dinâmicas presentes no contexto da Vila e são significativas para o entendimento das vivências das pessoas com o rio. É no rio que elas se banham como

forma de lazer, é do rio que vem alguns alimentos como peixes e mariscos, e no rio que ocorrem histórias de encantados, como a cobra grande, barcos misteriosos, tesouros presos por fortes correntes as profundezas do Caeté. Muitas histórias, muitas vivências que compõem todo um conjunto imagético com significativa importância para a dinâmica de vida dos moradores da Vila Cuera, e que explica bem a insistência destes para que a chegada dos participantes fosse pelo rio.

A proximidade com espaços naturais diversificados e com temporalidades múltiplas e quadridimensionais foi fundamental para que o II Seminário de questões socioambientais e etnobiodiversidade na Amazônia apresentasse uma configuração muito particular, com uma construção dialogada em vários momentos do processo, e se em muitos momentos sugeriram algu-

mas tensões inevitáveis, esse processo construído a várias mãos foi uma experiência muito enriquecedora para os vários sujeitos envolvidos.

O encerramento do evento foi marcado por uma feira cultural denominada de “Mostra de saberes, fazeres e sabores” quando os comunitários da Vila Cuera e de outras comunidades se organizaram e levaram seus saberes em forma de produtos (cestarias de palha, cachaça, panelas de barro, bolsas confeccionadas com partes de bananeiras, ervas, bonecas de pano, plantas medicinais, entre outros) para venda.

A feira foi realizada em uma praça na cidade de Bragança e foi idealizada como um momento de divulgação das atividades e dos produtos dos comunitários, além da comemoração do fechamento do Seminário, tornando-se um momento de integração e descontração entre os participantes. Assim, embalada ao ritmo de muitas músicas tradicionais tais como forró e o xote bragantino e entoada pelo som de sanfona, zabumba e triângulo, a mostra oportunizou, através da dança, a interação entre os participantes do evento e demais pessoas (Figura 6).



Figura 6 - Mostra de saberes, fazeres e sabores no encerramento do II Seminário de Questões socioambientais e etnobioidiversidade, Bragança, Pará. Foto: Sérgio Ricardo, 2016.

Ao final da mostra, o grupo Boi Pretinho da Vila Cuera, sob a organização do Sr. Xavier (Figura 7) se apresentou, causando grande alegria e envolvendo todos presentes. Essa apresentação representou, de certa forma, o resgate, valorização e reconhecimento da atividade cultural da comunidade que

estava sem “brincar de boi” há mais de um ano. Os olhares iluminados nas faces risonhas dos comunitários pareciam passar essa mensagem, acrescentados ainda a animação e admiração dos espectadores em volta do boizinho, constituindo um momento significativamente especial do evento.



Figura 7 - Adereços, instrumentos e o Boi Pretinho da Vila Cuera na Mostra de saberes, fazeres e sabores, Bragança, Pará. Daniela Torres, 2016.

## 6 - CONCLUSÕES OU REFLEXÕES

Um primeiro elemento importante para a construção do evento foi a ideia de que todo ele seria construído em diálogo direto com as pessoas morado-

ras do local no qual seria realizado o evento, a Vila Cuera, e nesse sentido, as decisões todas seriam tomadas coletivamente, sempre ouvindo a comunidade e definindo coletivamente cada de-

talhe. E nesse sentido, foi fundamental que tivéssemos uma primeira reunião na comunidade, a qual possibilitou que fosse feito um levantamento de quais temas eram mais pungentes na comunidade para serem tratados no evento.

Foi apresentado então pela comunidade um conjunto de várias problemáticas que foram facilmente organizadas para serem trabalhadas nos dias do evento, mas já de início surgiram problemas com relação as linguagens, pois os eventos acadêmicos tem uma estrutura bastante rígida, com metas quase que totalmente voltadas para suprir necessidades acadêmicas, como as cobranças de produções finais, tais como artigos, resumos, apresentações de especialistas em determinados assuntos, e esses especialistas devem ter suas qualificações acadêmicas reconhecidas no mundo científico (Bourdieu, 2004).

Uma primeira questão surge então, já que o evento se propôs a ter dois grupos de participantes ativos, professores pesquisadores, mas também cientistas locais (intelectuais “nativos”), detentores de saberes-fazeres aprendidos ao longo de suas vivências cotidianas. Mas como cadastrar esses mestres locais nas plataformas de pesquisa? Como pedir diárias e outros subsídios quando geralmente são necessárias comprovações acadêmicas para que tais pedidos se efetivem? Esse foi um dos primeiros contratempos enfrentados, pois no geral as agências de financiamento de eventos estão mais preparadas para eventos acadêmicos no espaço acadêmico e voltados para a academia.

Todavia, a proposta do evento aqui apresentado buscou romper essas fronteiras acadêmicas e em muitos momentos dar prioridade para espaços fora dos muros das Instituições de ensino e pesquisa e para os saberes desses mestres que também não estão no mundo acadêmico.

Ao ultrapassarmos os primeiros obstáculos, os moradores da Vila Cuera passaram a compartilhar das nossas angústias quanto às despesas do evento; nesse sentido eles próprios começaram a propor saídas, o que terminou por ser um grande aprendizado sobre a construção de redes de solidariedade, as quais serviram de base para sustentar um evento que já nesse momento ganhava corpo. O diálogo mostrou-se mais uma vez a saída para dificuldades burocráticas, e os próprios moradores se encarregaram de organizar espaços na comunidade para a realização do evento, alimentação para os participantes, deslocamentos, etc.

Nesse sentido, foi fundamental que grande parte deste fosse realizado na própria Vila Cuera, e a comunidade foi sensível ao fato de buscar criar um espaço agradável para a realização dos debates, aproveitando espaços em baixo de árvores e ao sabor do vento, algo que, se de início parecia apenas um detalhe, no decorrer do II Seminário de Questões socioambientais e etnobiodiversidade mostrou-se como algo fundamental e dialogando com a própria ideia maior do evento, de integração entre diferente saberes - fazeres na relação como o outro (ambiente e humano).

## NOTAS

<sup>1</sup> Para Posey (2001) é importante não confundir “objetividade” científica com obscuridade da “realidade”. Existe muito a se aprender da interpretação dos mitos, lendas e taxonomias indígenas, independente dos métodos utilizados se adequem ou não aos rigorosos critérios de alguns cientistas.

<sup>2</sup> Segundo Fernandes (2016:19) o conceito de etnosaberes pressupõe uma forma de contato – pelo conjunto mais amplo de contatos, responderia a interculturalidade – em que diferentes formas de agir sobre o mundo estão pautadas em diferentes formas de pensar, mas que podem ter pontos de encontro, dada a natureza unitária das necessidades biofisiológicas humanas, mas que originam diversas soluções culturais, dado o caráter amplo e multifacetado das ações humanas na natureza, pelo viés da adaptabilidade das culturas.

<sup>3</sup> Diegues (2005) aponta para a existência de uma etno-bio-diversidade, ao concluir que a “biodiversidade pertence tanto ao domínio do natural e do cultural, mas é também fruto da cultura enquanto conhecimento que permite as populações tradicionais entendê-la, representa-la mentalmente, manuseá-la, transferir espécies de um lugar para outro e, frequentemente, adensá-la, enriquecendo-a local e regionalmente.

<sup>4</sup> As Resexs apresentam um sistema de gestão compartilhada, com arranjos institucionais participativos, implicando em um acordo de divisão entre o Estado e a comunidade usuária dos recursos. Apresentam como premissa o envolvimento dos extrativistas nas discussões sobre a RESEX e a valorização de seus saberes, pois seus objetivos básicos compreendem a proteção dos meios de vida e a cultura desses povos e o uso sustentável dos recursos naturais da

unidade (BRASIL 2000).

<sup>5</sup> O termo Vila Cuera faz referência ao fruto da **Cuieira** (*Crescentia cujete*) **amazônica**. Embora alguns documentos legais e acadêmicos refiram-se a comunidade como Vila Que Era, os moradores e as moradoras, em boa medida, identificam-se por Vila Cuera quando tratam sobre o nome da comunidade, pois não se sentem confortáveis com o arquétipo de uma “Vila que foi”. Outra possibilidade, mais no campo da linguística está na herança tupi, em que “cuéira” (qüera) significa antigo, velho, passado. Toda essa compreensão local entre “Vila que Era” e “Vila Cuera” foi obtida durante a realização do referido seminário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, M. da C. 2010. *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*. São Paulo: Editora Livraria da Física.
- Bakhtin, Voloshinov. 1979. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Barros, Flávio. 2015. Estradas, florestas, sala de aula e outros espaços: lugares de aprender e ensinar na Amazônia, in *Etnodesenvolvimento e Universidade: formação acadêmica para povos indígenas comunidades tradicionais*. Organizado por A. C. OLIVEIRA; J. F. BELTRÃO. Belém: Editora Santa Cruz. pp.191-207.
- Bourdieu, Pierre. 1989. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- \_\_\_\_\_. 2004. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP.
- Brandão, Carlos. Rodrigues. 2007. Entre Paulo e Boaventura: algumas aproximações entre o saber e a pesquisa. *Proposta*, v. 31, n. 113, pp. 38-48.
- Brasil. 2000. *Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza*. Disponível em:

- <<[www.mma.gov.br/areas-protegidas/sistema-nacional-de-ucs-snuc](http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/sistema-nacional-de-ucs-snuc)>>. Acesso em: 01/04/2017.
- Davis, A.; wagner, J. R. 2006. A right to fish for living? The case for coastal fishing peoples's determination of access and participation. *Ocean & Coastal Management*, 49:476-497.
- Diegues, A. C. 2004. Conhecimento Tradicional e Apropriação Social do Ambiente Marinho, in *A pesca Construindo Sociedades*. NUPAUB. Disponível em: <<<http://www.usp.br/nupaub/>>>. Acesso em: 25/04/2017.
- Diegues, A. C. S. 2005. Sociobiodiversidade, in *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Organizado por Ferraro-Junior, L. A. Brasília: MMA, v. 1, p. 303-312
- Elias, Norbert. 1998. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Fernandes, J. G. S. 2016. Interculturalidade e etnosaberes. *Espaço ameríndio*, Porto Alegre, v.10, n.2, p.39-65, jul./dez.
- Fernandes, R. F. 2015. Interculturalidade e diversidade: possibilidades de trabalhos pedagógicos em contextos indígenas e não indígenas, in A. C. OLIVEIRA; J. F. BELTRÃO. *Etnodesenvolvimento e Universidade: formação acadêmica para povos indígenas comunidades tradicionais*. Belém: Editora Santa Cruz. p.110-128.
- Geertz, C. 2014. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico, in GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 14 edição. Petrópolis: Vozes. p.60-74.
- Lacerda, Rosane Freire; FEITOSA, Saulo Ferreira. 2015. Bem Viver: Projeto U-tópico e De-colonial, in *Revista INTERRITÓRIOS* v.1, n.1. Disponível em <<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/5007/4291>>. Acesso em: Acesso em: 25 mai. 2017.
- Leff, Enrique. 2017. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes, in *Educação e Realidade*. v.42, n. 2. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/about>>. Acesso em: 25 mai. 2017.
- Mato, D. 2008. No hay saber “universal”, la colaboración intercultural es imprescindible. *Alteridades*, 18 (35): 101-116
- Oliveira, Sílvia do Nascimento. 2013. Memórias de saberes construídos no processo de se constituir professor em Vila que era (Bragança-Pará). 74 fl. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Saberes da Amazônia, Universidade Federal do Pará/ *Campus* de Bragança, BR.
- Posey, D. A. 2001. Interpretando e utilizando a “realidade” dos conceitos indígenas: o que é preciso aprender dos nativos?, in *Espaços e recursos naturais de uso comum*, Organizado por A. C. Diegues; A. C. Moreira. São Paulo: NUPAUB.

Recebido em 08/06/2017

Aprovado em 01/10/2017